



CENTRO UNIVERSITÁRIO VALE DO SALGADO  
BACHARELADO EM PSICOLOGIA

MARIA NATÉCIA DE ARAÚJO MACIEL DUARTE.

**O CONTEXTO FAMILIAR DO INDIVÍDUO ETILISTA E OS FATORES QUE  
INFLUENCIAM NA DEPENDÊNCIA DO ÁLCOOL.**

Icó – CE

2022

MARIA NATÉCIA DE ARAÚJO MACIEL DUARTE.

**O CONTEXTO FAMILIAR DO INDIVÍDUO ETILISTA E OS FATORES QUE  
INFLUENCIAM NA DEPENDÊNCIA DO ÁLCOOL.**

Artigo científico submetido à disciplina de TCC II, do Curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Vale do Salgado, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientador(a): Professor. Esp. Antônio Martins Vieira e Silva Júnior.

MARIA NATÉCIA DE ARAÚJO MACIEL DUARTE.

**O CONTEXTO FAMILIAR DO INDIVÍDUO ETILISTA E OS FATORES QUE  
INFLUENCIAM NA DEPENDÊNCIA DO ÁLCOOL.**

Artigo científico aprovado em 07/12/2022, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário Vale do Salgado – UniVS.

BANCA EXAMINADORA:

---

**Prof. Esp. Antônio Martins Vieira e Silva Júnior**  
*Orientador*

---

**Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Eniana Araújo Gomes Pacheco**  
*Avaliadora*

---

**Prof.<sup>a</sup> Esp. Najara Oliveira Silva**  
*Avaliadora*

## O CONTEXTO FAMILIAR DO INDIVÍDUO ETILISTA E OS FATORES QUE INFLUENCIAM NA DEPENDÊNCIA DO ÁLCOOL.

Maria Natécia de Araújo Maciel Duarte<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente artigo evidencia o alcoolismo como uma doença crônica e multifatorial na 10ª edição do CID e também pela OMS, caracterizando-se como um conjunto de fenômenos comportamentais, cognitivos e fisiológicos que se desenvolvem após o uso repetitivo de álcool. Objetiva analisar o contexto familiar dos indivíduos etilistas e os fatores que sugestionam e suscetibilizam o desenvolvimento e a manutenção da dependência do álcool. As bases de dados utilizadas foram *Scielo (Scientific Electronic Library Online)*, portal *CAPES* e *Google Acadêmico*. A seguinte pesquisa trata-se de um estudo qualitativo de caráter exploratório em uma revisão integrativa de literatura, em que foram utilizados para análise seis artigos que contemplavam os critérios de inclusão e que discutiam sobre o contexto familiar do indivíduo etilista. Com este estudo fica exposto que existem fatores no contexto familiar que influenciam a dependência do álcool, a importância da família na aceitação e no tratamento do alcoolista assim como a relevância desse grupo familiar receber um tratamento psicológico adequado.

**Palavras-chave:** Álcool. Dependência. Alcoolismo. Relações Interpessoais. Família.

### ABSTRACT

This article highlights alcoholism as a chronic and multifactorial disease in the 10th edition of the CID and OMS, characterized as a set of behavioral, cognitive and physiological phenomena that develop after the repetitive use of alcohol. It aims to analyze the family context of alcoholic individuals and the factors that suggest and sensitize the development and maintenance of alcohol dependence. The databases used were *Scielo (Scientific Electronic Library Online)*, *CAPES* and *Google Academic*. The following research is a qualitative study of an exploratory nature in an integrative literature review, in which six articles were used for analysis that contemplated the inclusion criteria and that discussed the family context of the alcoholic individual. With this study it is exposed that there are factors in the family context that influence alcohol dependence, the importance of the family in the reception and treatment of the alcoholic as well as the therapy of this family group receiving an adequate psychological treatment.

**Keywords:** Alcohol. Dependency. Alcoholism. Interpersonal Relations. Family.

## 1 INTRODUÇÃO

O alcoolismo foi definido como doença crônica e multifatorial na 10ª edição da Classificação Internacional de doenças (CID10), da Organização Mundial da Saúde (OMS), sendo conceituada como um conjunto de fenômenos comportamentais, cognitivos e fisiológicos que se desenvolvem após o uso repetitivo de álcool e associados a sintomas como forte desejo

de beber, dificuldade de controlar o consumo, utilizar mesmo após experiências negativas, dar prioridade ao consumo da substância em vez de realizar suas obrigações e responsabilidades, aumento da tolerância, sudorese, tremores e diversos outros sintomas (CISA, 2014).

É definido como síndrome da dependência o conjunto de eventos comportamentais, cognitivos e fisiológicos, consequentes do consumo repetido e persistente de uma substância psicoativa, associado ao desejo de ingerir a droga, portanto enfrentando dificuldade para controlar o consumo (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2010).

Outro fenômeno que acompanha o alcoolista é a tolerância, fenômeno ao qual o organismo se adapta a receber certa quantidade da substância de forma contínua e passa a precisar receber cada vez mais para poder alcançar o mesmo nível, o que, muitas vezes, é considerado algo normal para a rotina dos usuários, no entanto, seus efeitos são caracterizados por sinais e sintomas subsequentes da dependência (REIS, *et al.*, 2014).

No Brasil o índice de consumo de álcool é maior que o consumo de drogas ilícitas, mais da metade da população brasileira afirma ter usado a substância. Cerca de 46 milhões de pessoas entre 12 e 65 anos de idade, afirmam fazer o uso de álcool, e aproximadamente 2,3 milhões dessas pessoas apresentam critérios para dependência de álcool. Os dados mais representativos são de municípios de pequeno porte e de zonas de fronteiras (BRASIL, 2015).

Os transtornos relacionados ao uso de álcool são considerados graves problemas de saúde pública, acarretando danos psicológicos e sociais às pessoas etilistas e aos seus familiares, que enfrentam problemas não apenas no âmbito social, mas também na responsabilidade para com seu membro e na comunicação intrapessoal (CARIAS; GRANATO, 2021).

Não é apenas a dignidade humana do usuário que é lesionada pela dependência do álcool, a vida de seus familiares também é bastante marcada, de forma negativa. Principalmente crianças e adolescentes que convivem nesse grupo familiar, pois seu desenvolvimento é cercado de traumas. É válido pontuar que uma família que tem um alcoolista, não apresenta equilíbrio emocional necessário para relações interpessoais saudáveis e estáveis, assim favorecendo para que surja um ciclo vicioso de destruição e violência (LAZO, 2008).

De acordo com Antunes (2014), interações interpessoais são o conjunto de procedimentos que através da facilitação para com comunicação e as linguagens, constrói laços sólidos nas relações humanas.

As relações humanas ou relações interpessoais, partem da interação ou o comportamento do indivíduo em relação às outras pessoas, podem ocorrer entre uma pessoa e outra, entre membros de um grupo, como por exemplo o grupo familiar, ou organizacional (MINICUCCI, 2013), e esse contexto interpessoal influencia e é influenciado pelo sujeito.

Desta forma surge o seguinte questionamento: Quais os fatores do contexto familiar dos indivíduos que apresentam transtornos relacionados ao uso de álcool influenciam na dependência da substância?

A presente pesquisa partiu da hipótese que existem fatores do contexto familiar dos indivíduos que apresentam transtornos relacionados ao uso de álcool que sugestionam na dependência da substância.

O presente estudo justifica-se a partir da afinidade da autora com o tema que foi percorrido, também pela necessidade de promover a discussão sobre a relação familiar dos alcoolistas e os fatores que influenciam na dependência. É perceptível a escassez de pesquisas recentes sobre esta temática, assim como é carecido trabalhos voltados à população dependente do território nordestino, visto que em alguns estudos dados mostram um maior número de etilistas no território nordestino.

Levando em conta também que o alcoolismo é um grave problema de saúde pública, que causa numerosos problemas, não apenas ao indivíduo que é dependente, como também ao contexto familiar e social que está inserido.

A pesquisa aqui apresentada pode ser utilizada como referência para pesquisadores da área, aprofundando informações sobre o tema, bem como fonte de investigação e pesquisa para profissionais que trabalham na prevenção, assistência e cuidado com os etilistas, assim como base informativa para a sociedade poder conhecer essa doença, e levar a oportunidade de esclarecer a respeito de alguns preconceitos a respeito do adicto e sua dependência.

O estudo aqui realizado teve como objetivo analisar como o contexto familiar de indivíduos etilistas pode influenciar no desenvolvimento e manutenção de transtornos relacionados ao uso de álcool, definir a dependência de álcool como doença crônica e os seus variados fatores contribuintes, descrever o que são relações interpessoais e como elas afetam de forma negativa ou positiva o indivíduo e investigar a relação do adicto com seu núcleo familiar.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 A DEPENDÊNCIA DO ÁLCOOL**

#### **2.1.1 A dependência de álcool como uma doença crônica**

Magnus Huss fez a primeira menção à ‘doença do alcoolismo’, estabeleceu como um conjunto de sintomas e danos físicos e mentais que acometem pessoas que fazem uso contínuo de bebidas alcoólicas, como resposta de comportamento desses indivíduos estavam presentes a agressividade, a indolência e o descompromisso com o trabalho e a rotina familiar (SOUZA, 2012).

O conceito de dependência química foi desenvolvida entre os anos setenta e oitenta com os estudos de Griffith Edwards, um psiquiatra britânico, que desde então passou a influenciar os principais sistemas de classificação diagnóstica, Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde- CID e o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais- DSM (ARAÚJO; LARANJEIRA, 2015).

O termo alcoolismo veio à tona no século XVIII, após um enorme crescimento na produção de bebidas à base de álcool destilado, no contexto histórico consequente à Revolução Industrial. Nesse período destacaram-se dois autores que escreviam sobre o assunto: Benjamin Rush e Thomas Trotter (GIGLIOTTI; BESSA, 2004).

A primeira definição do termo ‘alcoolismo crônico’ foi feita por Magnus Huss, por volta do ano de 1849, que conceituou como um conjunto de manifestações patológicas do sistema nervoso, na esfera psíquica, sensitiva e motora. Essas manifestações podiam ser observadas em indivíduos que faziam o uso da substância etílica de forma contínua e excessiva por um longo período de tempo (HECHMANN, W.; SILVEIRA, C. M., 2009).

Posteriormente, com os estudos de Morton Jellinek, a definição de alcoolismo foi alterada e o comportamento disfuncional do alcoolista passou a ser nomeado como doença, que consequentemente, gerou uma visão negativa socialmente (HECHMANN, W.; SILVEIRA, C. M., 2009).

Jellinek conceituou o adicto como todo sujeito em que o consumo de álcool pudesse prejudicar ao usuário, a sociedade ou a ambos, ele avaliava se o indivíduo era alcoolista pela quantidade de substância consumidas (HECHMANN, W.; SILVEIRA, C. M., 2009).

Ainda de acordo com Hechmann e Silveira (2009), atualmente, a Organização Mundial de Saúde (OMS), conceitua o alcoolista como um bebedor excessivo, ao qual sua dependência em relação a substância etílica está em conjunto com perturbações mentais, problemas de saúde física, e conflitos nos seus relacionamentos econômicos e sociais.

O alcoolismo, que também é definido como a Síndrome de Dependência do Álcool (SDA), é uma doença crônica, que apresenta características por alguns fatores como: a perda do controle, a dependência física e a tolerância, onde é preciso ser levado em conta também os fatores biopsicossociais (JORGE, M. S. B., *et al.*, 2007).

Com os seus estudos, Edwards chegou à conclusão de que a dependência a substâncias etílicas é um comportamento que se retroalimenta e que vai além dos conceitos de tolerância e abstinência (GIGLIOTTI; BESSA, 2004).

Portanto, foram nomeados como sintomas da Síndrome da Dependência do Álcool (SDA). O estreitamento do repertório, a saliência do comportamento de busca de álcool, aumento da tolerância a esta substância, sintomas repetidos de abstinência, alívio ou fuga destes sintomas pelo aumento da ingestão de bebida, percepção subjetiva da necessidade de beber e reinstalação após a privação do uso (GIGLIOTTI; BESSA, 2004).

Mesmo com os avanços das últimas décadas a respeito da dependência química, a opinião pública teve um pequeno nível de impacto no que se diz respeito a essa discussão, pois ainda é valorizado em demasia explicações moralistas, que partem de teorias reducionistas em que os indivíduos recebem inúmeros ‘diagnósticos’ e conceitos sociais (GIGLIOTTI; BESSA, 2004).

Esta síndrome é considerada como um conjunto de fenômenos fisiológicos, comportamentais e cognitivos, onde o uso do etílico recebe por parte do usuário uma prioridade elevada em relação a outros hábitos que antes da dependência tinham mais valor. Os sintomas dessa doença podem ser percebidos como físicos e psicológicos (HECHMANN; SILVEIRA, 2009).

Hechmann e Silveira (2009), relatam que a metabolização da substância alcoólica é bem singular em relação aos indivíduos. Assim como o surgimento de alguma alteração no sistema biológico, conseqüente do consumo frequente de álcool pode fazer com que um sujeito que antes tolerava bem o álcool passe a ter reações patológicas.

É necessário salientar que a quantidade de bebida consumida diariamente por um longo período, que torna-se uma delimitação de risco de dependência, é de 60g/dia de álcool puro para homens e 40g/dia de álcool puro para mulheres. Uma margem segura deve estar abaixo das quantidades citadas (HECHMANN; SILVEIRA, 2009).

É relevante ressaltar que a dependência física, com suas conseqüências devastadoras, que surgem consideravelmente de forma tardia, geralmente depois de 4 a 6 anos em consumo contínuo para adolescentes e após 6 a 8 anos para o adulto (HECHMANN; SILVEIRA, 2009).

De acordo com APA (2014), no DSM-V, foram definidos critérios diagnósticos para o transtorno relacionado ao uso de álcool em que ocorre um padrão problemático do uso, que acarreta em comprometimento ou sofrimento clinicamente significativo em um período de 12 meses. Onde a gravidade do transtorno é especificado pela quantidade de critérios preenchidos.

O critérios são: consumo frequente e em grandes quantidades, desejo persistente e esforços mal sucedidos para reduzir ou controlar o uso, gasto de muito tempo e energia para obter a substância, fissura, uso recorrente do álcool, uso continuado, importantes atividades sociais abandonadas, uso da substância mesmo em situações de risco, utilização do álcool mesmo com a consciência de ter um problema físico ou psicológico, tolerância e abstinência (APA, 2014).

A síndrome da abstinência alcoólica pode ser compreendida como um grupo de manifestações causadas pela suspensão repentina do consumo da substância etílica, em pacientes que tem a SDA, e que costumam ingerir uma grande quantidade de álcool de forma contínua (NETO, 2016).

O seu diagnóstico depende da história da interrupção do uso da substância, e do preenchimento de pelo menos dois dos sintomas relacionados, que são: hiperatividade autonômica, tremores, insônia, náuseas e vômitos, alucinações, ansiedade, agitação, crises convulsivas (NETO, 2016).

A Tolerância ao álcool é o termo usado para a necessidade que o indivíduo dependente do álcool tem de doses maiores de álcool para que chegue ao efeito de embriaguez, que antes era obtido nas primeiras doses. Um exemplo é que uma pessoa nos seus usos iniciais precisava apenas de uma dose de uísque para sentir uma leve sensação de tranquilidade, depois de alguns usos serão necessárias duas doses para que se chegue ao mesmo efeito, assim se diz que a pessoa está desenvolvendo tolerância a bebida alcoólica (REIS, *et al.*, 2014).

### **2.1.2 Principais Fatores Contribuintes para a Dependência do Álcool**

Os indivíduos não são igualmente propensos a se tornarem dependentes do álcool, existem fatores que são fundamentais para que ocorra o desenvolvimento da dependência. Um contexto propício para o surgimento da SDA, é a ocorrência de vulnerabilidade e suscetibilidade à dependência, que são apoiadas por questões biológicas, psicológicas, sociais e ambientais (HECHMANN; SILVEIRA, 2009).

Dentre os possíveis fatores associados ao alcoolismo, destacam-se os biológicos, pela presença de predisposição genética, respostas fisiológicas alteradas ao metabolismo do álcool; os psicológicos, influenciados pela baixa autoestima, busca do prazer, prevenção da dor e prejuízo familiar relacionamentos; e sociocultural, dependendo da disponibilidade de drogas e aceitação cultural, atitudes, normas e valores culturais, nacionalidade, raça e religião (SENA, *et al.*, 2011).

O início precoce do uso, influência da mídia, relacionamento familiar conturbado, uso por membro da família, abuso sexual, violência doméstica, baixa autoestima, curiosidade, pressão de colegas, entre outros, são fatores que estão relacionados ao risco para dependência do álcool (ROZIN; ZAGONEL, 2011).

Rozin e Zagonel (2011), também relatam que a dependência também está vinculado também à diversão e prazer e, até mesmo, no isolamento. Ao início precoce no trabalho onde se tem um contato com adultos. Para melhor aceitação no final da adolescência. Estímulo para experimentação da própria família, por questões culturais. Para melhorar o sentimento de insatisfação ligada a condições de vida.

Rozin e Zagonel (2011) citam em suas pesquisas, que em relação à classe social, as classes média e alta, utilizam mais o álcool, sendo justificada pelo acesso facilitado pelas condições financeira. Esses estudos também apontam para um maior consumo na zona urbana em relação a rural, também devido a uma maior facilidade de obter o produto destilado.

No contexto familiar, os riscos relacionados ao abuso do álcool, estão interligados à falta de suporte parental, pais liberais, uma péssima relação com a família, ter sofrido ou vivenciado maus tratos e violência doméstica. Existem também evidências marcantes nos estudos que informam a herança genética, como um fator relevante para o risco de dependência (ROZIN; ZAGONEL, 2011).

O tratamento do alcoolismo é complexo e depende das necessidades do usuário e dos recursos disponíveis. Pode ocorrer tanto em serviços específicos, como nos CAPS (álcool e drogas), quanto na atenção básica, ambulatórios, hospitais e grupos de apoio comunitário (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2004).

É proposto pelo Ministério da Saúde, como diretriz no atendimento no CAPS AD, além do atendimento ao usuário, a oferta de cuidados aos familiares dos usuários do serviço, assim como a existência de um trabalho em conjunto com usuários e familiares que abordem fatores de proteção para o uso das substâncias e a diminuição de estigmas e preconceitos, com atividades de prevenção e educação (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2004).

## 2.2 O INDIVÍDUO E SUAS RELAÇÕES FAMILIARES

### 2.2.1 Relações interpessoais

O interesse por relações humanas sempre foi alvo de reflexões, desde a antiguidade, por pensadores gregos e romanos. Contudo, a investigação científica desse tema teve seu desenvolvimento apenas nos últimos 40 anos, e como pioneiros podem ser citados: Michel Argyle; Henry Sullivan; John Bowlby e Fritz Heider (SANTIAGO; GARCIA, 2016).

Duck e Hinde foram responsáveis por estabelecer os estudos em relacionamento interpessoal como área autônoma de pesquisa, que ficou concreta com a criação de sociedades científicas internacionais e a realização de congressos que deram credibilidade a área e as pesquisas (SANTIAGO; GARCIA, 2016).

Hinder, nos anos de 1997, desenvolveu um modelo teórico de relacionamento interpessoal, que é constituído por um sistema de relações dialéticas nos diferentes níveis de complexidade que influenciam e são influenciados uns pelos outros, tendo início nos processos psicológicos, indo para o comportamento individual, pelas interações, relacionamentos, grupos e sociedade e ambiente físico (SANTIAGO; GARCIA, 2016).

Os relacionamentos interpessoais, se formam a partir do contato inicial de um indivíduo com o outro e assim como as primeiras impressões trazem significados que podem gerar influências positivas ou negativas nas relações. No decorrer dessas interações, inicia-se uma rede de comunicação que pode se dar por meio de linguagem, expressões de sentimentos, elogios, desencadeando intimidade (CARDOSO; SILVA, 2014).

As relações interpessoais podem ser agrupadas até que formem uma rede de relacionamentos, como a família, o grupo da vizinhança, da igreja, entre outros, conseqüentemente formando um grupo social, portanto, esses grupos podem se sobrepor, ou ficarem separados. Como nas interações e relacionamentos, cada agrupamento pode influenciar tanto o ambiente físico e biológico como pode ser afetado por eles (SANTIAGO; GARCIA, 2016).

A questão dos relacionamentos interpessoais, e de sua inerente dimensão emocional, é crucial para a vida associada, pois são esses processos interativos que formam o conjunto de sistemas que a organizam. As condições em que ocorrem tais relacionamentos definem a forma de convivência entre os seres humanos, que são seres de relações, e destes com a natureza. Fazem a diferença entre sofrimento e bem-estar e definem como a vida social é construída em seu cotidiano. Deteriorações nas relações interpessoais resultam em deterioração das relações sociais (LEITÃO, S. P.; et al, p. 884, 2006).

Áreas como a psicologia social, a comportamental e a clínica; a biologia cognitiva; as neurociências em geral, pontuam a relevância dos relacionamentos interpessoais para a vida humana, pois consideram o ser humano um ser sociável, que necessita ter essas relações para seu bom funcionamento (LEITÃO; *et al.*, 2006).

O problema das relações interpessoais, com sua inerente dimensão emocional, é central para a vida conectada porque esses processos interativos formam o conjunto de sistemas que a organizam. As condições em que essa relação ocorre determinam a forma de convivência entre os seres humanos como relação e entre os seres humanos e a natureza (LEITÃO; *et al.*, 2006).

Eles diferenciam entre dor e felicidade e definem como a vida social é construída na vida cotidiana. A deterioração das relações interpessoais leva à deterioração das relações sociais, relações inter- organizacionais e intra- organizacionais (LEITÃO; *et al.*, 2006).

### 2.2.2 Efeitos da dependência nas relações familiares

O abuso do uso do álcool, exerce um enorme impacto emocional nas pessoas mais próximas do dependente. Por isso, o alcoolista passa a ter suas relações dificultadas com as pessoas a sua volta, principalmente cônjuge e os filhos, podendo afetar de forma significativa a relação familiar (JORGE, *et al.*, 2007).

O cotidiano da maioria das famílias de alcoolistas pode ser caótico, caracterizado por relações afetivas instáveis e frágeis, o que gera distanciamento emocional entre os membros da família. As famílias são vistas como fragmentadas, deterioradas, muitas vezes em conflito e crise existencial, vivendo com infelicidade, ansiedade, sensação de impotência diante do que estão passando e cujos membros correm alto risco de violência doméstica (SENA, *et al.*, 2011).

É grande o número de conflitos no ambiente familiar, que são provocados pela dependência química de um membro da família. Logo, esse grupo familiar, passa a ter alguns comportamentos específicos, tais como: irritabilidade, agressividade, frustrações, angústias e incapacidade de se comunicar adequadamente (JORGE, *et al.*, 2007).

Outro ponto que também leva ao conflito, é quando o indivíduo não se reconhece como dependente, nem sua família o reconhece dessa forma, muitas vezes por não considerar o alcoolismo uma doença. Causando então sofrimento, vergonha, medo do estigma, ocultando assim essa situação, gerando um obstáculo para o tratamento e reintegração dessa pessoa (JORGE, *et al.*, 2007).

De acordo com Sena, *et al.*, (2011), quando se refere ao bem-estar dos filhos dos alcoolistas, estudos apontam que eles são os membros da família que mais afetados pela SDA. A vivência com um pai alcoolista pode leva-los a uma futura dependência do álcool. O seu desenvolvimento também é bastante afetado, assim, desenvolvem dificuldade de comunicação, baixa autoestima, se tornando adultos desconfiados e com medo.

De acordo com o mesmo autor a violência doméstica é outro ponto de bastante importância quando se refere a conflitos familiares dos adictos, em muitos casos as esposas vivenciam vários tipos de violência e as naturalizam, por vários motivos. (SENA, *et al.*, 2011)

Esse fenômeno de naturalizar a violência pode ocorrer por pelo menos dois fatores. Um deles é a questão da hierarquização social do papel do homem e da mulher. O segundo fator é

pelo sentimento de que se pode ocorrer mudanças no comportamento desse dependente, assim podendo melhorar a vivência familiar (SENA, *et al.*, 2011).

Sena, *et al.*, (2011), afirma em sua pesquisa que ocorre então uma ambiguidade nessa naturalização da violência, que por mais que as mulheres tenham consciência e saibam dizer o que é uma violência, elas não se percebem nesse contexto. Pois, a violência ultrapassa o simples conceito que elas conseguem explicar, e passa a fazer parte do seu dia a dia.

### 3 METODOLOGIA

A presente pesquisa trata-se de um estudo exploratório, qualitativo em uma revisão integrativa de literatura.

A revisão integrativa de literatura é considerada como a mais ampla das abordagens metodológicas das revisões, pois facilita a inclusão de estudos experimentais e não experimentais para o entendimento por completo do fenômeno investigado (SOUZA, *et al.*, 2010).

Ajustam também dados da literatura teórica e empírica, assim como compreende um vasto leque de propósitos como: definição de conceitos, revisão de teorias e evidências e análise de problemas metodológicos de um determinado tópico. O objetivo principal dessa abordagem é reunir conhecimentos a respeito de um tópico, ajudando na base do estudo (SOUZA, *et al.*, 2010).

A revisão integrativa de literatura é dividida em seis etapas, que serão ilustradas no quadro 1 a seguir e posteriormente descritas nos parágrafos a baixo.

**QUADRO 1: ETAPAS DA REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA.**

<b>Etapa 1</b>	<b>Etapa 2</b>	<b>Etapa 3</b>	<b>Etapa 4</b>	<b>Etapa 5</b>	<b>Etapa 6</b>
Identificação do tema e seleção da questão de pesquisa.	Estabelecimento dos critérios de inclusão e exclusão.	Identificação dos estudos pré-selecionados e selecionados.	Categorização dos estudos selecionados.	Análise e interpretação dos resultados.	Apresentação da síntese do conhecimento feita na discussão.

Fonte: BOTELHO; CUNHA; MACEDO, 2011, p. 129.

Na primeira etapa, realizou-se a definição da questão norteadora e das bases de dados utilizadas, como também as possíveis buscas a serem feitas.

Para a segunda etapa, foram adotados os seguintes critérios de inclusão e exclusão: o intervalo de tempo para a datação dos artigos utilizados foi compreendido no período de 2016 à 2021. Os artigos utilizados estavam escritos apenas nos idiomas português e espanhol.

Não foram selecionados para a presente pesquisa artigos ou monografias provenientes de trabalhos de conclusão de curso de graduação. Para a realização da presente pesquisa foram utilizados os seguintes descritores: álcool, alcoolismo, dependência química, relações interpessoais e família.

Na terceira etapa, foram realizadas buscas nas seguintes bases de dados *Scielo* (*Scientific Electronic Library Online*), Google Acadêmico e Portal *CAPES*. Realizaram-se as buscas com os descritores citados a cima onde foram lidos os resumos dos trabalhos e em seguida foram selecionados, baixados e organizados em pastas.

A próxima etapa, foram realizadas análises dos conteúdos dos materiais, por meio da leitura e investigação de trabalhos que abordavam e discutiam a problemática aqui em questão.

A quinta e a sexta etapa refere-se a avaliação das fontes e interpretação dos resultados da pesquisa, respectivamente, que estão contempladas nas sessões seguintes a partir da síntese, categorização e interpretação dos materiais analisados. A análise de dados das pesquisas selecionadas para o estudo, se deu pela análise de dados de Bardin.

Bardin (2010) propõe uma sistematização dos dados, que seguem três etapas: 1. Pré-análise, que se sustenta na organização dos materiais utilizados, que garantem a seleção dos documentos, 2. Descrição analítica, que embasa a análise profunda, que infere a as suas hipóteses e os referenciais teóricos e 3. Interpretação referencial, de acordo com as informações coletadas.

#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A presente pesquisa foi realizada através da coleta e análise de dados qualitativos sobre contexto familiar dos indivíduos etilistas e os fatores que influenciam na dependência do álcool, que se deu inicialmente a partir da pré-seleção de quinze artigos, pesquisados nas bases de dados citadas na metodologia sendo buscados com os descritores que foram previamente escolhidos.

No entanto, quando analisados em relação aos critérios de exclusão e inclusão nove dos artigos foram descartados e somente seis foram selecionados, pois, contemplavam todos os critérios pré-estabelecidos para o estudo.

Para que os objetivos da pesquisa fossem alcançados, fez-se necessário analisar a relação do adicto com seu núcleo familiar e investigar quais fatores são contribuintes para a dependência do álcool.

Os artigos utilizados para a pesquisa estão dispostos no quadro 2 com seus respectivos títulos e métodos de estudos, tendo os resultados divididos em categorias pela autora com objetivo de levar ao leitor maior clareza e entendimento. As categorias para apresentar os resultados foram: Contexto Familiar; Família como Fator de Proteção Contra a Dependência; Família como Fator de Risco para a Dependência; Fator Parental e Fator Social.

**QUADRO 2: CARACTERIZAÇÃO DAS PUBLICAÇÕES INCLUÍDAS NA PESQUISA.**

<b>TÍTULO</b>	<b>METODOLOGIA</b>
Famílias de usuários de bebida alcoólica: aspectos estruturais e funcionais fundamentados no Modelo Calgary*.	Estudo Descritivo.
Relações Familiares, Álcool E Outras Drogas: Uma Revisão Integrativa.	Revisão Integrativa.
As Implicações Do Alcoolismo Na Vida Social E Familiar Do Indivíduo Dependente.	Pesquisa Bibliográfica.
Alcoolismo: Impactos Na Vida Familiar.	Entrevista Semiestruturada.
Alcoolismo No Ambiente Familiar E A Violência Doméstica.	Revisão de Literatura.
Implicações Do Alcoolismo Na Dinâmica Familiar.	Pesquisa bibliográfica.

Fonte: Dados da pesquisa.

### **Contexto Familiar**

Dentre os artigos analisados, a relação do adicto com seu contexto familiar é colocada como um ponto primordial para entender todo o processo patológico do alcoolismo, sendo pontuada como uma relação em que o sujeito adoecido influencia e é influenciado pelo seu núcleo familiar.

Para facilitar o entendimento do leitor a respeito dos fatores que sugestionam o desenvolvimento e a manutenção dessa doença, fez-se necessário que inicialmente seja discutido sobre o grupo familiar do indivíduo acometido com essa patologia.

Silva e Luz (2015) concluem que o alcoolismo carrega uma grande carga de estresse no grupo familiar, assim sendo um fator de adoecimento, não apenas para o adicto, como também para os membros da família, contribuindo para um rompimento de estabilidade nesse grupo.

Pois, os prejuízos para essa família que é considerada doente se fazem presente nos mais variados contextos, como por exemplo, o social, o econômico e o psicológico, assim sendo considerado relevante não apenas o tratamento do adicto, mas também de todo o corpo familiar que ele está inserido (LOPES, 2016).

Para Lopes (2016) o alcoolismo é uma doença da família, tanto por existir um fator genético, como também pelo fato de o indivíduo afetar os outros membros dessa família, assim, acarretando desajustamento na dinâmica familiar. O que colabora para que esse grupo se torne instável e assim contribua cada vez mais para o desenvolvimento e manutenção da dependência do álcool, como também contribui para que esse sujeito e seu grupo familiar caminhe cada vez mais para o isolamento social.

Cordeiro, *et al.*, (2021) considerou em seus estudos a categoria “consequências para a família” como um tema central para analisar o alcoolismo e buscar entender algumas especificidades desse transtorno como: o início do uso, aceitação da doença e do tratamento.

### **Família Como Fator De Proteção Contra A Dependência**

A existência de vínculos firmados e uma boa interação entre os membros da família, com poucos conflitos e a predominância de harmonia nesse ambiente familiar, servem como alicerce para um bom desenvolvimento das potencialidades do indivíduo, pois boas relações familiares estão ligadas diretamente a uma boa rede de apoio, que possivelmente pode ser buscada em momentos de críticos. (TUCCI; OLIVEIRA, 2019).

Silva e Luz (2015) afirmam que a família do adicto é fundamental para o combate ao alcoolismo, o que torna-se necessário que haja tratamento também para esse grupo, já que todos são afetados pela dependência, pois, o tratamento é a peça fundamental para devolver a harmonia para essa família levando a possível diminuição de dependência dessa droga, para isso, faz-se necessário que a família do adicto tenha acesso a acompanhamento psicológico.

Cordeiro, *et al.*, (2021) também pontua a família como fundamental para que o adicto consiga aceitar a doença e o tratamento, no entanto, são fatores intrínsecos a cada sujeito que o fazem procurar ajuda e aderir ao tratamento.

### **Família Como Fator De Risco Para A Dependência**

A história familiar e o alcoolismo parental como riscos cerrado na transferência geracional da dependência ao álcool. Colocando a influência familiar, como o fator que exerce papel potente no desenvolvimento das SDAs, maior do que a influência sobre a remissão e a recuperação da doença (TUCCI; OLIVEIRA, 2019).

Takahara, *et al.*, 2017, listou pontos onde a família se torna fatores de risco para o desenvolvimento da Síndrome de Dependência Alcoólica (SDA), tais como: rejeição e abandono da família, divórcio e separação parental, situação de morte, conflitos e violência familiar e falta de comunicação familiar. Pois, a alteração familiar, que é quando existe um padrão de funcionamento patológico nesse grupo, está ligada a dependência química.

Tucci e Oliveira (2019) e Cordeiro, *et al.*, (2021), apresentam um crescimento no número de mulheres com SDA. Para Tucci e Oliveira esse crescimento no número de mulheres alcoolistas está ligado a ressignificação do papel social da mulher na sociedade, antes como dependente do esposo e hoje em maioria como chefes de família. No entanto, para Cordeiro, *et al.*, esse número vem de mulheres que convivem com o cônjuge dependente.

### **Fator Genético**

Dentre os artigos selecionados que embasam esse estudo apenas uma autora citou o fator genético nas suas pesquisas.

Para Lopes (2016), a influência genética em comparação com a ambiental, é predominante, pontuando risco de 2 a 5 vezes maior de parentes de primeiro grau de indivíduos etilistas desenvolverem também a dependência. Sendo para pessoas do sexo masculino, em número maior as chances de desenvolver a dependência. E que existe variações genéticas que estariam ligadas a alguns endofenótipos, que implicam em respostas diferentes a fatores ambientais.

### **Fator Parental**

Como foi apresentado acima, o contexto familiar do indivíduo etilista é bastante conturbado, o que afeta de forma negativa todos os membros desse grupo, inclusive os filhos dos indivíduos acometidos pela SDA.

Cordeiro, *et al.*, (2021) relata que o início do uso do álcool em idades precoces, está relacionado a convivência com pessoas que tem o hábito de ingerir álcool. Pois, um período contínuo de convivência com drogas presente no contexto familiar, favorece o surgimento de vulnerabilidades nessas famílias (TUCCI; OLIVEIRA, 2019).

O que corrobora com a afirmação de Lopes (2016) quando diz que o alcoolismo tem influências negativas no ambiente familiar e bem-estar físico e psicológico das suas descendências. Pois, isso favorece o surgimento de vulnerabilidades no desenvolvimento de problemas comportamentais futuros.

Assim, as famílias alcoólicas são consideradas disfuncionais, o que colabora para um mal desenvolvimento psicológico, comportamental e social das crianças, podendo acarretar aos filhos de alcoolistas dificuldade na interação social e de identificação de seu papel social, conduzindo futuramente ao desenvolvimento de distúrbios psiquiátricos como transtornos de ansiedade e dependência (LOPES, 2016).

Lopes (2016), aponta ainda para um fenômeno chamado ciclo do alcoolismo parental, que é facilitado a partir de uma influência bidirecional na relação entre o alcoolismo dos pais, que gera problemas no comportamento dos filhos e o mau ajustamento desses filhos que geram stress parental nos pais, provocando a elevação no consumo do álcool.

### **Fator Social**

Os efeitos do consumo de bebida alcoólica, estão interligados com prejuízos à saúde, maximização das emoções, agressividade, perda de memória e também afeta ao bom senso. Estes efeitos mencionados anteriormente, não afetam negativamente apenas o sujeito acometido com a doença, pois, atingem também de forma negativa todos que estão a sua volta como a família e a sociedade (ARAÚJO, *et al.*, 2019).

Silva e Luz (2015) se referem ao alcoolismo como uma doença social, já que o indivíduo etilista tem implicações bastante severas na sua vivência social devido ao seu comportamento e imprevisibilidade. O que acarreta em várias exclusões sociais, levando o adicto a ter perda na sua identidade social, na sua autoestima, autoconfiança assim como na sua perspectiva de

futuro. Portanto, o alcoolismo é um problema social que afeta de forma negativa todos os campos da vida do etilista, assim podendo afetar todas as classes, todos os gêneros e os demais âmbitos da vida desse sujeito.

Ao adentrar no mundo do consumo excessivo do álcool, o indivíduo não tem mais o controle sobre a quantidade que consome, e por existir o fenômeno da tolerância, ele sempre necessita de uma dosagem cada vez maior da droga, passando a negligenciar suas responsabilidades como pai, esposo e também como trabalhador. Assim, esse abandono de responsabilidades, é o primeiro passo para o desemprego e a solidão afetiva, fatores que colaboram para exista cada vez mais o distanciamento de suas relações interpessoais (CORDEIRO, *et al.*, 2021).

Outra questão é o aumento considerado no país no número de violência, criminalidade e acidentes de trânsito, ocasionados por pessoas alcoolizadas e que acarretam vários prejuízos como sequelas e deficiências para o indivíduo alcoolizado e também para terceiros SILVA; LUZ, 2015).

Lopes (2015) afirma que o meio social é um dos principais obstáculos na recuperação de um alcoolista, por exercer muita influência na vida do indivíduo e também pela forte pressão social voltada para o comportamento desse sujeito comparado ao que se mede como um comportamento socialmente comum.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O objetivo dessa pesquisa foi analisar o contexto familiar do indivíduo etilista e os fatores que influenciam na dependência do álcool. Com o estudo foi possível concluir que o contexto familiar do alcoolista pode ser fator de risco ou fator de proteção para o adicto, e que é de grande relevância conhecer esse grupo para que se possa entender alguns fatores sobre a SDA.

Com o que foi discutido podemos concluir que é muito importante para todo o processo do tratamento do adicto, que a sua família receba também um tratamento e suporte psicológico. Para que estes, influenciem de forma positiva o alcoolista no decorrer da sua aceitação e do seu tratamento.

A pesquisa teve sua questão norteadora devidamente analisada e respondida efetivamente, produzindo reflexões extremamente relevantes para conhecimento da população

e da comunidade científica, sendo necessária a propagação destes conceitos expostos e também a inclinação de escritas voltadas a esta linha de pesquisa devem ser abordadas.

O processo de escrita deste manuscrito foi relevante para a autora, que tem interesse nesta linha de pesquisa e na divulgação das informações expostas neste escrito, assim como a inserção de uma prática de assistência humanizada e o incentivo a realização de pesquisas na área da Saúde Mental com a intencionalidade de abordar questões voltadas à um caráter preventivo e de remissão da dependência química.

Os obstáculos encontrados no processo do estudo, como a escolha de literaturas deste manuscrito foram as limitadas fontes de pesquisa, sendo poucos autores que se propõem a argumentar sobre esta temática atualmente, também pode ser apontado como um desafio não ter uma variedade de estudos dessa área que seja mais recente e que na prática é pouco desenvolvido e conseqüentemente não posto em execução.

O que foi encontrado de percalços ao longo do processo desta escrita foram os limitados referenciais teóricos que se propuseram a argumentar conteúdos aqui expostos ao decorrer dos anos na comunidade científica, pontos que são cruciais na abordagem deste tema, e também muitos destes são antigos. Assim, a autora encontrou alguns obstáculos na construção de alguns tópicos desta pesquisa, que tinham como base apenas os mesmos autores citados anteriormente.

Pretendeu-se discorrer a sugestão de uma prática que enxergue o adicto de uma forma mais humanizada, em que pode ser eficaz ser amparado pela rede de apoio, mas que também necessita ser enxergada quanto aos impactos no âmbito psicológico, familiar e emocional que vivenciam quando expostas a este contexto disfuncional.

Ao longo do estudo surgiram alguns pontos que podem ser temas de futuras pesquisa nessa área da Saúde Mental, um deles foi o fato do número de mulheres dependentes do álcool, está aparecendo de forma crescente nas pesquisas, já que inicialmente era pautado a Síndrome da Dependência do Álcool como uma doença masculina.

## REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION- APA. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM- V**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ARAÚJO, M. P.; TUYAMA, E.; CAIXETA, A. G. Alcoolismo no ambiente familiar e a violência doméstica. **Revista Jurídica**. Paracatu- MG, v.1, n.1, Janeiro de 2020.

ARAÚJO, M. R. LARANJEIRA, R. Evolução do Conceito de Dependência. **Researchgate**, São Paulo, Janeiro de 2016. Disponível em < [https://www.researchgate.net/publication/283277043\\_Evolucao\\_do\\_conceito\\_de\\_dependencia\\_atualizada\\_com\\_comentarios\\_sobre\\_o\\_DSM-5](https://www.researchgate.net/publication/283277043_Evolucao_do_conceito_de_dependencia_atualizada_com_comentarios_sobre_o_DSM-5) > Acessado em 10 de novembro de 2021.

BAIA, S. F. MACHADO, R. L. S. Relações interpessoais na escola e o desenvolvimento local. **Interações**, Campo Grande, v. 22, n. 1, p. 177-193, 2 jun. 2021. Disponível em < <http://dx.doi.org/10.20435/inter.v22i1.2355> > Acesso em 23 de outubro de 2021.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Lisboa: Edições70, 2010.

CARDOZO, C.G.; SILVA, L.O.S. A importância do relacionamento interpessoal no ambiente de trabalho. **Interbio**, v.8, n.2, p.24-34, 2014. Disponível em < <https://doi.org/10.5902/2179769237124> > Acesso em 24 de outubro de 2021.

CARIAS, A. R; GRANATO, T. M. M., O Sofrimento Emocional de Filhos de Alcoolistas: Uma Compreensão Psicanalítica Winnicottiana, **Psicologia: Ciência e Profissão**, 2021. v. 41, n. 3, e218542, p. 1-15. Disponível em < <https://www.scielo.br/j/pcp/a/NkevJ97kSW8NH8RT7rgSQKt/?format=pdf&lang=pt> > Acesso em 23 de outubro de 2021.

CISA. **O que é alcoolismo?**. São Paulo, 20 de janeiro de 2014. Disponível em < <https://cisa.org.br/index.php/sua-saude/informativos/artigo/item/61-o-que-e-alcoolismo> > Acesso em 20 de outubro de 2021.

CORDEIRO, K. P. A., *et al.* Alcoolismo: impactos na vida familiar. **Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas**. São Paulo, v.1, n.17, p. 84- 91, jan- mar 2021. Disponível em < [www.revistas.usp.br/smad/](http://www.revistas.usp.br/smad/) > Acesso em 21 de outubro de 2022.

CORDEIRO, K. P. A.; SOUZA, L. L. G.; SOARES, R. S. de M. V.; FAGUNDES, L. C.; SOARES, W. D. Alcoolismo: impactos na vida familiar. **SMAD, Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas (Edição em Português)**, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 84-91, 2021. DOI: 10.11606/issn.1806-6976.smad.2021.168374. Disponível em < <https://www.revistas.usp.br/smad/article/view/168374> >. Acesso em 9 de outubro de 2022.

CORRÊA, D. AGÊNCIA BRASIL. **Levantamento alerta para consumo de álcool no país**. Rio de Janeiro. 09 de agosto de 2019. Disponível em < <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2019-08/levantamento-alerta-para-consumo-de-alcool-no-pais> > Acesso em 22 de outubro de 2021.

FERREIRA, L. N. et al. Prevalência e fatores associados ao consumo abusivo e à dependência de álcool, **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.18, n. 11, p. 3409-3418, maio de 2013. Disponível em < <https://doi.org/10.1590/S1413-81232013001100030> > Acesso em 26 de outubro de 2021.

FICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3 ed., Porto Alegre: Artmed, 2009.

GIGLIOTTI, A., BESSA, M. A. Síndrome de Dependência do Álcool: Critérios Diagnósticos. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 26, n.1, p. 11- 13, 2004. Disponível em

< <https://www.scielo.br/j/rbp/a/VcfdB7HS3DYHLXs4mPXpL8M/?format=pdf&lang=pt> >  
Acessado em 10 de novembro de 2021.

HECHMANN, W., SILVEIRA, C. M. **Dependência do Álcool: Aspectos Clínicos e Diagnósticos**. In: ANDRADE, A. G., ANTHONY, J. C. Álcool e suas Consequências: uma abordagem multifatorial. Barueri- SP: Minha Editora, 2009, p. 67- 88. Disponível em <<https://www.saudedireta.com.br/docsupload/1333063665alcoolesuasconsequencias-pt-sumario.pdf> > Acessado em 08 de novembro de 2021.

JORGE, M. S. B., et al. Alcoolismo nos contextos social e familiar: análise documental à luz de Pimentel. **Revista RENE**, Fortaleza, v. 8, n. 3, p. 34- 43, setembro- dezembro de 2007. Disponível em < <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=324027960005> > Acesso em 01 de novembro de 2021.

LAZO, D. M. **Alcoolismo: O que você precisa saber**. 6ª. Ed. São Paulo: Paulinas, 2008.

LEITÃO, S. P., et al, Relacionamentos Interpessoais e emoções nas Organizações: uma visão biológicas. **Revista de Administração Pública- RAP**, Rio de Janeiro, v. 40, n. 5, p. 883- 907, set/ out de 2006. Disponível em < <https://www.scielo.br/j/rap/a/bDxdSBCWbgBVLxHmDSsDHGR/?format=pdf&lang=pt> > Acessado em 11 de novembro de 2021.

LOPES, A. F. H. P. **Implicações do alcoolismo na dinâmica familiar**. Tese ( Mestrado em Medicina) – Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra.

MARTINS, S. H. H. T. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 30, n. 2, p. 287-298, agosto de 2004. Disponível em < <https://www.scielo.br/j/ep/a/4jbGxKMDjKq79VqwQ6t6Ppp/?lang=pt&format=pdf> > Acesso em 23 de outubro de 2021.

MAZUCA, K. P. P., SARDINHA, L. S. Dependência Do Álcool: A Importância Da Família No Tratamento E Na Prevenção Da Recaída. Disponível em < [http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCBS/Cursos/Psicologia/boletins/1/artigo3.pdf\[PDF\]](http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCBS/Cursos/Psicologia/boletins/1/artigo3.pdf[PDF]) > Acesso em 21 de setembro de 2022.

MINICUCCI, A. **Relações Humanas**. 6 ed., São Paulo: Editora ATLAS S.A., 2013.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (BR). Secretaria de Atenção à Saúde. SVS/CN/ DST/AIDS. **A política do Ministério da Saúde para a atenção integral a usuários de álcool e outras drogas**. Brasília (DF); 2004.

Organização Mundial da Saúde – OMS, 2010. **Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (CID- 10)**. Versão 2010. Disponível em < <https://icd.who.int/browse10/2010/en> > Acesso em 22 de outubro de 2021.

REIS, G. A. et al. ALCOOLISMO E SEU TRATAMENTO, **Revista Científica do ITPAC**, Araguaína, v.7, n.2, Abril 2014. Disponível em < <http://www.itpac.br/arquivos/Revista/72/4.pdf> > Acesso em 23 de outubro de 2021.

RÉVILLION, A. S. P. A Utilização de Pesquisas Exploratória na Área do Marketing. **Revista Interdisciplinar de Marketing, RIMAR**, v. 2, n. 2, p. 21- 37, Jul/ Dez 2003. Disponível em

< <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rimar/article/view/26692> > Acessado em 08 de novembro 2021.

RODRIGO, R. A. B. Síndrome da abstinência alcoólica. **Faculdade de Medicina da USP**, São Paulo. 13 de junho de 2016, Disponível em < [https://www.medicinanet.com.br/conteudos/revisoes/6454/sindrome\\_da\\_abstinencia\\_alcoolica.htm](https://www.medicinanet.com.br/conteudos/revisoes/6454/sindrome_da_abstinencia_alcoolica.htm) > Acesso em 12 de novembro de 2021.

ROZIN, L. ZAGONEL, I. P. S. Fatores de Risco para a dependência de álcool em adolescentes. **Revista ACTA**, São Paulo, v. 25, n. 2, pp 314-318, outubro de 2011. Disponível em < <https://www.scielo.br/j/ape/a/tj3WSXCxBgNy7CVqYCrKYfw/?format=pdf&lang=pt> > Acessado em 11 de novembro de 2021.

SANTIAGO, A. M. S., GARCIA, A., O Diálogo entre a Psicologia da Paz e a Relacionamento Interpessoal: aspectos teóricos e empíricos. In: SANTIAGO, A. M. S., FONSÊCA, A. L. B., **Psicologia e suas Interfaces: estudos interdisciplinares**. Salvador: EDUFBA, 2016, pp. 15- 60. Disponível em < <https://doi.org/10.7476/9788523220075.0002> > Acessado em 12 de novembro de 2021.1.

SENA, E. L. S., et al. Alcoolismo no Contexto Familiar: um olhar fenomenológico. **Texto Contexto Enfermagem**. Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 310-318, Abr- jun de 2011. Disponível em < <https://doi.org/10.1590/S0104-07072011000200013> > Acessado em 8 de novembro de 2021.

SILVA, V. X., LUZ, H. H. V. As implicações do alcoolismo na vida social e familiar do indivíduo dependente. 2016. Disponível em < <http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wpcontent/uploads/2016/02/Volnei-xavier-da-Silva.pdf> > Acesso em 24 de setembro de 2022.

SOUZA, M. T. SILVA, M. D. CARVALHO, R., Revisão integrativa: o que é e como fazer; **Einstein**, Morumbi, v.8, n.1, p. 102- 106, 2010. Disponível em < <https://www.scielo.br/j/eins/a/ZQTBkVJZqcWrTT34cXLjtBx/?format=pdf&lang=pt> > Acesso em 23 de outubro de 2021.

TAKAHARA, A. H., et al. Relações Familiares, Álcool E Outras Drogas: Uma Revisão Integrativa. **Revista APS**. v.20, n. 3, p. 434- 443, jul- set, 2017. Disponível em < <https://doi.org/10.34019/1809-8363.2017.v20.15999> > Acesso em 20 de setembro de 2022.

TUCCI, B. F. M.; OLIVEIRA, M. L. F. Famílias de usuários de bebida alcoólica: aspectos estruturais e funcionais fundamentados no Modelo Calgary\*. **Revista Rene (online)**. v.20, n. 1, e40226. Jan- dez,2019. Disponível em < <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-997280> > Acesso 21 de setembro de 2022.